



A OCIOSIDADE

Quando em pequenos, meu irmão e eu éramos vadios e preguiçosos. Todo pretexto nos servia para faltarmos com nossos deveres, cabular aulas e ficar vagabundeando pelos pomares, campos ou quarteirões da cidade onde vivíamos.

Evidentemente nossos pais se aborreciam com aquilo, mas, em lugar de nos castigar ou apertar para uma agressão física, esperavam o momento certo para nos advertir mais seriamente, sem saírem do tratamento amorável e paciente que nos dispensavam.

Esse momento chegou quando, em certo dia, depois do almoço, nos preparávamos para mais uma vadiagem. Nossa mãe não se dirigiu a mim, mas a meu irmão.

Desconfiado e expectante, fiquei a esperar pelo que se ia dar. Em seu tom de voz habitual e como que ocasionalmente, ela disse:

_ Meu filho, será que você me poderia fazer um favor?

_ Pois não, mamãe!

Eu percebia que meu irmão também não estava seguro do que se ia dar. Mamãe prosseguiu:

_ Eu gostaria que você fosse até àquele terreno baldio e viesse me contar o que existe ali.

O terreno ficava quase em frente à nossa casa e nós o conhecíamos muito bem, pois servia aos nossos constantes lazeres. Entretanto, mesmo assim ele atendeu e poucos minutos depois voltava.

_ Mamãe, ali só existem lixo e porcaria. Metais enferrujados, papéis, vidros quebrados, arames, garrafas. Nada que se aproveite.

Como se não tivesse ouvido a última observação, mamãe perguntou:

_ Mas, não haverá uma serventia para aquelas coisas?

_ Ah! Mamãe, está claro que não.

Voltando-se para mim ela pediu:

_ Agora você, meu filho. Vá até o portão do jardim e venha me contar o que existe nos outros terrenos.

Aquilo também era claro, mas, como meu irmão, obedeci. E voltei logo, dizendo:

_ Nos outros terrenos há casas, pomares e jardins.

_ Que coisa! disse mamãe pensativa. Por que será que se acumularam tantas coisas inúteis no terreno baldio?

Eu e meu irmão, triunfantes, respondemos quase que ao mesmo tempo:

_ Ora, mamãe, porque ele está vazio.

_ Pobre terreno! exclamou mamãe. Não sendo aproveitado para nada, transformou-se em depósito de lixo. Isso

dá o que pensar, pois é como os dias de nossa vida. Se não soubermos aproveitá-los, vão se enchendo de coisas inúteis. Uma vida ociosa é como um terreno baldio: recolhe tudo o que ruim e imprestável. É por isso que na vida do homem trabalhador, que sabe encher bem os seus dias, não há lugar para os vícios, maldades e enganos de qualquer espécie.

Mamãe não tinha terminado ainda de dizer e meu irmão e eu já nos entreolhávamos rubros de vergonha.

É escusado dizer que nos modificamos. E, ao longo dos anos, em diversas circunstâncias da vida, quando se nos apresenta qualquer oportunidade para a ociosidade nos lembramos daquele terreno vazio, cheio de papéis velhos, cacos de vidros e lixo. Tudo inaproveitável.

(Rodrigues, Wallace Leal V.. in: E, Para o Resto da Vida...)